

Capitéis Romanos da Igreja de St^a Maria da Alcáçova em Santarém

Lídia Fernandes *

ABSTRACT:

Five capitals from the Church of St^a. Maria in Santarém are presented, considering their chronology as well as its manufacturing techniques and its stylistics aspects. Therefore, some more embraced aspects, regarding their integration according to the usual decorative forms within the empire, are taken into consideration, a long with their architectural framing and the manufactures that produced them.

1 - INTRODUÇÃO

Os capitéis que analisaremos neste estudo provêm da Igreja de St^a Maria da Alcáçova, em Santarém, tendo sido postos a descoberto no decurso dos trabalhos de escavação que aí tiveram lugar em 1992, sob a orientação de Catarina Viegas (VIEGAS, 1994, pp. 127-137) ¹.

A intervenção arqueológica contemplou, na altura, a picagem das colunas, as quais pareciam ser realizadas em estuque. No total são onze os capitéis colocados a descoberto, integrando-se nas duas colunatas que estabelecem a divisão entre nave central e as duas laterais daquela igreja (Fig.1). Nem todos os capitéis que se podem observar são romanos. Com efeito, quatro de entre eles incluem-se em correntes decorativas nitidamente posteriores. Na análise que a seguir apresentamos, somente nos debruçamos sobre as peças de época romana, cinco no total, distribuindo-se estas em dois grupos: os capitéis coríntios, em número de dois e os capitéis corintizantes, num total de três.

2 - ANÁLISE COMPARATIVA

2.1 - Capitéis Coríntios

No capitel n.º 1 (Fig. 2) conserva-se a coroa inferior de folhas, bem como parte da superior, exceptuando o respectivo recurvamento. O desbastamento posterior da peça destruiu a área correspondente às volutas, hélices e caulículos.

* Arqueóloga da Divisão de Museus e Palácios da Câmara Municipal de Lisboa. Mestre em História de Arte.

¹ Gostaríamos de agradecer à Doutora Catarina Viegas a autorização de publicação dos materiais que agora apresentamos.

As oito folhas que compõem a *imma folia*, possuem lóbulos de terminação alongada: os superiores bilobados e paralelos entre si, e os inferiores distintos. Apesar do mau estado de conservação, pensamos que os elementos lobulares inferiores poderão corresponder a duas pequenas folhinhas que, por sua vez, compõem o lóbulo. Teríamos, assim, duas pequenas folhas lobulares que não se unem, criando uma zona rebaixada, semelhante a um triângulo em posição horizontal.

Aproximamos esta morfologia lobular ao Tipo C-a) de ROTH-CONGÈS, que o denomina como "acanthé à gouttes" (1983, p. 118). Este tipo é composto por três ou cinco digitações lobulares que põem em contacto os lóbulos inferiores, por vezes não totalmente fechados, criando um ponto de sombra rebaixado que adopta ou a forma de gota, ou de triângulo pouco definido, ou ainda a de círculo. No exemplar 1 de Santarém esta área rebaixada, como já referimos, assemelha-se a um triângulo aberto. Encontramos paralelos com esta morfologia num exemplar de Nemi (Valle Giardino), datável do séc. I (LUPI, 1991, pp. 3 e 4, n^o 5) ou em peças de Mérida (GUTIERREZ BEHEMERID, 1992, p. 102, n^o 411 e p. 104, n^o 427), Itálica, Belo e Córdova (p. 103, n^o 416; p. 107, n^o 455; p. 103, n^o 419; p. 104, n^o 427), atribuíveis ao séc. II.

O recorte lateral dos elementos foleáceos é relativamente bem conseguido, ainda que sem grandes contrastes de volumes ou arrojo executivo. Não obstante, o desenho e respectivo contorno das folhas, busca efeitos naturalistas que se afastam das soluções morfológicas que se observam a partir do séc. III.

No capitel n^o 2 (Fig. 3), os poucos elementos decorativos que se mantêm levam-nos a considerá-lo como capitel coríntio, ainda que com algumas reservas. Na verdade, o facto de a peça ainda estar recoberta com estuque em cerca de metade da sua superfície, não nos permite definir com rigor a ordem arquitectónica a que pertence. Para além desse facto, a decoração pétrea foi desbastada, o que se verifica a partir da parte superior da *imma folia*. É possível, não obstante, observar ainda alguns vestígios do arranque das folhas da coroa superior, as quais se localizam, como é habitual nos capitéis deste tipo, no intervalo de união das folhas da coroa inferior. A similitude entre as folhas deste capitel e as do exemplar n^o 1 leva-nos a considerar estarmos perante uma peça coríntia e não corintizante.

A parte superior de ambos os exemplares coríntios - onde se localizaria a *summa folia* bem como as hélices, caulículos e ábaco - encontra-se desbastada, como já referimos, conservando-se o início do arranque da segunda coroa de folhas. O afastamento dessas folhas em relação ao *kalathos* parece ser bastante tímido. Nestas folhas superiores a nervura central é menos relevada o mesmo acontecendo, em termos gerais, nas respectivas folhas. As duas pequenas folhinhas do lóbulo inferior são bem desenhadas criando, na união com o lóbulo contíguo, um ponto de sombra em forma de gota alongada. A parte final destas folhinhas tem, morfologicamente, a mesma finalização, criando um pequeno ponto triangular rebaixado na união com o lóbulo que se lhes sobrepõe. Alguns paralelos podem ser encontrados em peças de Óstia, datadas da segunda centúria (PENSABENE, 1973, p. 67, n^o 264).

A definição de cronologias com base, exclusivamente, num dos pormenores ornamentais dos exemplares, é de complexa atribuição. No entanto, a morfologia evidenciada, os efeitos de luz e sombra e a volumetria dos vários pormenores decorativos indicam-nos uma datação que, certamente, apontará para o séc. II. A propor uma cronologia mais circunscrita, talvez nos inclinásemos, ainda que sem grandes certezas, para a primeira metade da segunda centúria.

2.2 - Capitéis Corintizantes

Os três exemplares corintizantes apresentam decorações diversas nas faces livres do *kalathos*. A dificuldade da análise prende-se, essencialmente, com o facto de se encontrarem desbastados. Assim, no exemplar n^o 3 (Fig. 4), duas das faces da peça foram picadas em época

posterior, o mesmo tendo acontecido em relação ao ábaco, folhas angulares e parte superior do *kalathos*. O capitel nº 4 (Fig. 5) está adossado a uma das paredes da Igreja, o que inviabiliza a observação dessa face, bem como da respectiva parte superior uma vez que foi alterada a sua superfície. Por último, a peça nº 5 apenas conserva a *imma folia* (Fig. 6).

No capitel 3 (Fig. 4) os motivos presentes são os da palmeta² e o motivo liriforme. A *summa folia*, composta por oito folhas apresenta, quatro de entre elas, similares a palmetas, ainda que possuam nervura central. Esta nervura é de morfologia triangular, ou seja, de base maior que vai estreitando progressivamente, delimitada por sulcos laterais de talhe biselado. Os lóbulos, em número de quatro ou cinco, têm uma terminação romboidal. As folhas encontram-se aderentes ao *kalathos*, apenas dele se afastando, por ligeiro recurvamento, na sua parte superior.

Paralelos para este tipo de folhas podemos observar em peças de Córdoba, datadas da época de Adriano (CARLOS MARQUEZ, 1993, p. 125, nº 233; p. 128, nº 240; pp. 136 e 137, nº 257). As restantes folhas, que poderíamos designar como acantizantes, posicionam-se alternadamente com as anteriormente descritas, apresentando, de igual forma, uma nervura central da qual arrancam os vários lóbulos. A terminação destes é arredondada ou, por vezes, algo apontada. As uniões interlobulares são côncavas ainda que não existam indícios do recurso ao trépano. Os pontos de sombra assim criados são muito contidos, tal como singelo é o contraste de volumes entre os diversos elementos.

No que respeita ao motivo central da palmeta ela possui seis lóbulos, arrancando de um ornamento vegetalista de quatro lóbulos. Encontramos peças com motivos similares em Córdoba, da época de Adriano (*idem*, pp. 124, 125, nº 232 e 233; p. 127, nº 236), sendo raros em espécimes de distintas proveniências.

As terminações lobulares da palmeta são encurvadas adoptando a forma de um círculo, pormenor que tem semelhanças com uma peça de Alcácer do Sal e com um outro exemplar da Casa dos Bicos em Lisboa (FERNANDES, 1997, vol. II, pp. 404-409 e pp. 433-436; FERNANDES, 1999, pp. 113-135), ambos datados da segunda centúria. Este pormenor, dada a sua perfeição técnica, mostra-se bastante raro, sendo essa raridade que nos possibilita o estabelecimento de algumas considerações no que respeita à sua ocorrência, assunto que em capítulo seguinte trataremos mais detalhadamente.

De cada um dos lados da folha que suporta a palmeta, emergem dois pequenos caules que, encurvando simetricamente, finalizam em duas rosetas quadripétalas com botão central relevado. A técnica empregue, mais uma vez, foi o talhe em bisel.

A outra face deste exemplar apresenta um motivo liriforme, composto por duas hastes que partem por entre as folhas da *imma folia*. Os lóbulos dispõem-se quase verticalmente ao longo das hastes criando uma composição de morfologia triangular alongada. Capitéis de Sevilha e Badajoz podem-se aproximar, sendo datáveis de entre os finais do séc. I e o séc. II (G. BEHE-MERID, 1992, pp. 186 e 187, nº 801; p. 193, nº 839). Exemplares de Córdoba, de época flávia tardia, apresentam de igual modo semelhante decoração (C. MARQUEZ, p. 136, nº 256; pp. 136 e 137, nº 257 e 258; p. 143, nº 268).

Na parte superior da face encontramos um pequeno lúnulo, o qual deverá ser interpretado como uma estilização³ de folhinhas de um só lóbulo, podendo-se estabelecer paralelos com as várias peças a que fizemos referência.

O motivo agora descrito segue, de forma próxima, os temas decorativos mais comuns para este tipo de capitéis, o mesmo acontecendo no que respeita à tipologia dos dois ornamentos: o da palmeta

² Não sabemos até que ponto podemos considerar este motivo como palmeta ou de "cálice central". A palmeta existente apresenta um pequeno cálice na sua base, existindo autores que, por tal razão, partem da presença de tal ornamento como definição da terminologia a adoptar. No caso vertente, como é a palmeta que assume um papel predominante, optámos por uma designação distinta da de outros autores.

³ Ou deturpação do motivo original.

central e o liriforme. O séc. II é a época de eleição para este esquema decorativo. Este facto, aliado à correcta execução dos vários pormenores e respectiva simetria - como se observa nas rosetas da palmeta - indicam-nos estarmos perante um produto proveniente de uma oficina de qualidade, certamente em laboração durante a segunda centúria ou, precisando uma cronologia, primeira metade da mesma.

No exemplar 4 (Fig. 5) apenas nos é possível analisar uma das suas faces na medida em que esta coluna, como já fizemos referência, se encontra adossada a uma das paredes da igreja. As folhas da *imma folia* são de estilo acantizante, possivelmente em número de oito. Cada folha possui oito lóbulos que se distribuem, quatro a quatro, de cada lado da nervura central relevada, delimitada esta por sulcos biselados. As terminações lobulares são morfologicamente distintas. As superiores são bastante carnudas e de terminação arredondada e as inferiores mais alongadas.

O motivo central da face do *kalathos* é, mais uma vez, um motivo liriforme composto por duas hastes vegetalistas, de delimitação biselada, que se elevam a partir das folhas da *imma folia*. Destas hastes desprendem-se cinco lóbulos de morfologia alongada, de distintas dimensões. Encontramos paralelos para estes lóbulos em peças cordovezas, da época de Adriano (GUTIERREZ BEHEMERID, 1992, p. 196, n^o 854; CARLOS MÁRQUEZ, 1993, p. 129, n^o 241). As hastes elevam-se unindo-se superiormente e prolongando-se por recurvamento oposto. No espaço interior assim definido encontram-se duas rosetas quadripétalas com botão central liso e relevado.

As similitudes entre este exemplar e o anteriormente analisado é notório. O talhe é idêntico, assim como o tipo de rosetas e, em termos gerais, toda a composição decorativa. As principais diferenças assinalam-se nas folhas da coroa inferior. Com efeito, a definição dos vários elementos é muito pouco elegante, tal como não existe a presença alternada de tipos foliáceos observada no capitel 3, o que contribui para uma menor animação e riqueza compositiva. Tal facto poderá estar relacionada com o nível de especialização dos artífices ou com o emprego de distintos modelos ou cartões, como teremos ocasião de observar.



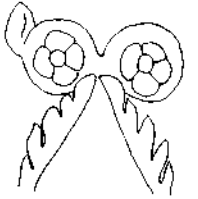
Em termos de cronologia, ela não será distinta da do exemplar anterior, ou seja, provavelmente, a primeira metade do séc. II.

A peça 5 (Fig. 6) fornece-nos alguma complexidade no que respeita à sua análise. A sua identificação como capitel corintizantes não é, em si mesma, isenta de dúvidas, uma vez que o respectivo estado de conservação não nos permite inferir, com toda a clareza, acerca da explanação dos vários motivos ornamentais. Um facto, no entanto, é por demais curioso. Trata-se do tipo de acabamento, ou aliás, a sua inexistência, o que nos leva a ponderar a hipótese de nos encontrarmos perante uma peça inacabada. Com efeito, os sulcos que compõem as folhas não foram tratados posteriormente, não existindo qualquer definição das terminações lobulares ou, inclusivamente, do contorno externo dos vários elementos foliáceos os quais, deste modo, se apresentam unidos entre si como uma coroa contínua. Apenas conservando a *imma folia*, é ainda possível observar o arranque do que poderá ter sido uma palmeta, uma vez que são visíveis cinco sulcos, todos eles arrancando da base. Este motivo parece repetir-se nas quatro faces do capitel, notando-se ainda a parte inferior de outros motivos que talvez possam ser interpretados como folhas angulares.





A não definição dos vários motivos ornamentais e a presença quase exclusiva do talhe biselado em todos os pormenores decorativos leva-nos, por um lado, a estabelecer uma proximidade com as peças anteriormente analisadas, assim como a colocar a hipótese de estarmos perante um exemplar no qual não se encontra presente a última fase de acabamento, o que constitui, por si só, um factor de enorme importância no que se refere ao estudo das oficinas de produção.

A cronologia a atribuir a este exemplar é, tendo em conta as considerações explanadas, de grande dificuldade. Somente a similitude, sobretudo no que se refere aos aspectos técnicos, permite-nos estabelecer paralelos com os exemplares anteriormente analisados, razão pela qual nos inclinamos a integrá-lo na mesma cronologia, ainda que com algumas reservas.

Quadro 1

Capitéis Corintizantes Decoração da Faces Frontais		
Nº	Motivo	Figura
3	Palmeta Estilizada	
4	Liriforme	
4	Liriforme	

Quadro 2

Capitéis Coríntios e Corintizantes Tipologia das folhas da <i>Imma Folla</i>		
Nº	Motivo	Figura
1	Folha Coríntia	
3	Palmeta	
3	Folha Corintizante	
4	Folha Corintizante	

3 - ANÁLISE TÉCNICA E ESTILÍSTICA

3.1 - Capitéis Coríntios

Os vários pormenores decorativos das peças **1** e **2** evidenciam-nos um relevo modesto. Os vários elementos são pouco explanados e de dimensões contidas, estando definidos essencialmente pelo seu contorno, sem que os pormenores tenham merecido grande atenção. As folhas da coroa superior, por exemplo, apresentam-se muito presas ao *kalathos*, ainda que na coroa inferior, e excepcionalmente, os relevos se acentuem. As terminações lobulares são definidas a cinzel sem que tenha havido preocupação, por parte do canteiro ou artista, em lhes conferir volume, projecção ou qualquer efeito de cariz naturalista. As caneluras centrais das folhas, apesar de pouco relevadas, apresentam um exagerado sulco central. Substituindo as tradicionais nervuras dos elementos foliáceos, estas caneluras procuram um evidente efeito plástico ainda que sem paralelos nos restantes pormenores decorativos do capitel.

Esta concepção do desenho prende-se directamente com a técnica utilizada. Com efeito, em vez do escopro de ponta, foi aqui empregue o cinzel de ponta biselada, razão pela qual os contornos dos vários elementos se mostram menos evidentes. A mesma técnica pode ser, de igual modo, observada na restante superfície dos espécimes quando não desbastada posteriormente. A análise mais cuidada das superfícies permite-nos ainda reconhecer o emprego de outros instrumentos. Destaca-se o escopro de ponta, em utilização muito pontual nos elementos foliáceos, assim como o recurso a goiva côncava. No *kalathos* observa-se o emprego de abrasivos de afeiçoamento bem como, em alguns locais, o uso de *gradine* fina para homogeneizar a superfície, instrumento que parece ter sido igualmente empregue na nervura central da coroa superior de folhas. A concepção estilística que aqui vemos explanada, dadas as suas características particulares, poderá evidenciar uma laboração típica de um *atelier*, o que nos é sublinhado, essencialmente, pelo recurso quase exclusivo ao bisel e respectivo talhe biselado, o qual será apanágio técnico e estilístico de épocas posteriores.

3.2 - Capitéis Corintizantes

Ainda que, tecnicamente, estes três exemplares se possam aproximar dos capitéis coríntios referidos anteriormente, as particularidades decorativas que se podem observar, sobretudo nas duas faces centrais do *kalathos*, possibilitam-nos mais algumas considerações.

O léxico ornamental segue, conceptualmente, os padrões tradicionais. A técnica utilizada na sua realização aproxima-se da descrita nas peças anteriores, evidenciando-se ainda mais o emprego do cinzel de ponta biselada, o que pode ser comprovado no capitel **5** (Fig. 7), em substituição do tradicional trépano tão usual nos capitéis deste tipo. Toda a superfície destes exemplares denota, de igual forma, o recurso a este instrumento, tendo o mesmo sido empregue na fase do acabamento, havendo poucos indícios de recurso a *gradine* fina ou outros tipos de polimento ou abrasão. Se tal procedimento nos parece, por um lado, pouco cuidado, torna mais evidente a linearidade dos motivos e meticulosidade imposta no desenho, indiciando-nos um trabalho de qualidade. Ainda que a rigidez dos ornamentos seja acentuada, ela é contrabalançada, quase diríamos, pela perfeição executiva traduzida no seu traçado.

É precisamente esta "correção do traço" que nos leva a considerar a hipótese do recurso a cartões. Esta técnica poderá explicar, de igual modo, a evidente ausência de volumes, tão comum nos exemplares coríntios e corintizantes, onde o "estilo flávio" predomina fazendo recurso à alternância de planos, à procura de uma tridimensionalidade dos ornamentos e onde a acentuação dos efeitos claro/escuro recorre, por vezes excessivamente, ao trépano.

Nas peças agora em análise, o conjunto de ornamentos criados na peça encerra, em si mesmo, uma distinta linguagem. Eles constituem como que um baixo-relevo contínuo, colado ao corpo do exemplar. A tónica é a da repetição do traço, da morfologia do contorno e inclusão dos motivos, mais do que a procura dos respectivos volumes e contraste dos mesmos.

Em alguns ornamentos procurou-se disfarçar o traço original, como acontece nas pétalas das rosetas da peça **3** (Fig. 8), ainda que sendo reconhecível e bastante evidente na palmeta central ou restantes folhas, estabelecendo um acentuado contraste entre a delimitação dos vários motivos e a restante superfície do *kalathos*, que se apresenta totalmente plana.

O talhe com cinzel é igualmente visível nos lóbulos centrais da palmeta, realizado por percussão indirecta e empregando escopro de terminação recta. O escopro de ponta é denunciado nas uniões interlobulares das folhas da *imma folia* (Fig. 8, parte inferior).

No exemplar **5**, que pensamos tratar-se de um capitel inacabado, observamos os talhes biselados originais, definindo as várias folhas da coroa inferior (Fig. 9), o que nos leva a concluir que o recurso a esta técnica é realizado desde o primeiro momento decorativo do exemplar. Não se trata, deste modo, de uma característica específica de *lapidarii*, antes devendo ser atribuível, certamente, a técnicas empregues numa mesma oficina. Apenas deste modo se poderá explicar que tais evidências técnicas estejam presentes em todos os capitéis, tomando-se difícil a suposição de que todos eles tenham saído das mãos de um mesmo canteiro.

Se os motivos centrais do *kalathos* que observamos nos vários capitéis corintizantes poderão ter sido reproduzidos através de cartões, é curioso o facto de alguns pormenores desses ornamentos poderem ser observados em outros exemplares da Lusitânia. Tal aspecto será analisado mais detalhadamente no próximo capítulo.

4 - OFICINAS DE PRODUÇÃO

Um dos aspectos mais curiosos destas peças é o tipo de talhe. Já anteriormente havíamos chamado a atenção para o emprego, quase exclusivo em alguns exemplares, do talhe biselado. Este pormenor permite-nos estabelecer algumas considerações no que respeita a técnicas específicas empregues em alguns *ateliers* vocacionados para a produção de elementos arquitectónicos.

A unidade - técnica e estilística - que se constata nas cinco peças de Santarém, supondo que são o produto de um mesmo centro oficial, permite-nos concluir que, capitéis coríntios e corintizantes, podem ser realizados num mesmo local não havendo distinção pelo simples facto de se tratarem de estilos distintos. Poderemos mesmo supor que, certamente, um mesmo *atelier* poderia dedicar-se ao fabrico de capitéis jónicos, compósitos ou outros. Apesar de tal aspecto ser dedutivelmente simples, o total desconhecimento que actualmente possuímos sobre a produção destes materiais leva-nos a não desperdiçar qualquer peça deste *puzzle*, por mais simples ou óbvia que seja.

A unidade a que nos referimos, apesar de todos os exemplares serem distintos entre si, pode ser resumida a algumas ideias: perfeita delineação dos motivos, traduzindo-se numa certa rigidez ornamental; marcação invariável do reviramento lobular terminal; emprego de modelos cartonados; similitude entre os elementos foliáceos; finalização dos lóbulos das palmetas e semi-palmetas em forma de círculo; pequenos círculos criados pela morfologia dos lóbulos inferiores da *imma folia*.

Os dois últimos aspectos assumem especial relevância na medida em que são morfologias que podemos encontrar em outros capitéis do actual território nacional, concretamente em Lisboa, na Casa dos Bicos (FERNANDES, 1997, vol. II, pp. 405-409; FERNANDES, 1999, pp. 113-135), em Freiria (Cascais) (FERNANDES, 1997, vol. II, pp. 412-416), em Alcácer do Sal (FERNANDES, 1997, vol. II, pp. 433-436) e em Évora (FERNANDES, vol. II, pp. 419-421).

O desconhecimento das pedreiras que terão abastecido tais oficinas constitui um enorme obstáculo para a definição da localização dos possíveis centros produtores. No entanto, a existência, na área de Alcobaça e Porto de Mós, de pedreiras de "calcário semi-rijo" pode ser uma hipótese, aliado ao facto de serem muitos os vestígios de época romana documentados na região⁴, a par de um sistema viário que possibilitaria o comércio e transporte da matéria-prima (MANTAS, 1996, vol. II, Mapas III-b e III-c).

O facto de o exemplar 5 ser um capitel inacabado leva-nos a colocar a hipótese de a transformação da matéria-prima em produto acabado, ou em fase de acabamento, se operaria nas proximidades do local onde as peças seriam aplicadas. Adoptando tal ideia, poderíamos supor a existência, durante o séc. II, de *ateliers* nas imediações de *Scallabis*, ou localizadas junto ao estaleiro de obra, que se dedicariam à produção de capitéis e outros elementos arquitectónicos. A matéria-prima seria trazida de canteiras próximas, o que baixaria os custos de transporte, e a transformação no produto final seria realizada em oficinas de alguma qualidade. Aqui, certamente que a presença de um único mestre bastaria para a correcta aplicação dos modelos cartonados, o que obviaria a uma especialização dos vários trabalhadores da oficina.

Se o quadro assim delineado nos parece lógico, várias deficiências nos obrigam a tomar algumas precauções quanto à sua aplicação para os restantes exemplares acima referenciados que, em nossa opinião, deverão ser provenientes do mesmo centro oficial apontado para *Scallabis*. A distância geográfica é, quanto a este aspecto, o maior obstáculo à sua real implementação, ainda que os "tiques" ou "pistas" denunciadores de um mesmo centro produtor sejam, a nosso ver, demasiado sintomáticos para não serem tidos em conta. Pensamos, a este propósito que, apesar de difícil não seria impossível o transporte desta matéria-prima para regiões como Alcácer ou Évora, acção na qual o transporte marítimo e fluvial certamente jogou, a par do sistema viário terrestre, um papel fundamental.

Se se torna complexa a explicação de tais "tiques" decorativos em peças tão dispersas geograficamente, somos de opinião que, no caso concreto dos materiais agora em análise, eles deverão corresponder ou a uma encomenda específica a um *atelier*, em laboração na área de *Scallabis* no séc. II, ou relacionada directamente com o estaleiro de obra a que se destinavam.

A inexistência de informações sobre a exploração de pedreiras durante a época romana, análises petrográficas e a respectiva comparação com materiais coevos de proveniência segura, impede-nos a elaboração de mais considerações sobre este fenómeno. Apesar de a análise técnica e estilística ser, com efeito, de extrema importância, pensamos não ser suficiente para o estabelecimento de hipóteses seguras de carácter mais generalista, apesar do que refere Carlos Marquez no que respeita à determinação de oficinas locais baseando-se exclusivamente na "...homogeneidad susceptible de ser analizada en sus elementos formales y técnicos, como determinar el inicio de su producción. Há sido este ele método para detectar la presencia de las oficinas locales en la Colonia Patricia cuya producción se encuentra perfectamente definida desde la segunda mitad del siglo I d.C." (CARLOS MARQUEZ, 1993, p. 213).

5 - ENQUADRAMENTO ARQUITECTÓNICO

No que respeita ao edifício onde estas peças pertenceriam depara-se-nos difícil qualquer comentário. Esta dificuldade prende-se com dois tipos de condicionantes. Por um lado, o facto

⁴ Bastará, a este propósito, cfr. ALARCÃO, 1988, Vol. II, Fasc. 2, pp. 111-112, 5/6, 5/8, 5/**, 5/11-17.

de todos os capitéis agora analisados provirem de outro local que não aquele onde se encontram. Por outro, o de não estarem completos, razão pela qual nos é impossível saber as suas dimensões e de tentar, por essa via, deduzir algo sobre o edifício em que se inseriam. Este último aspecto não seria, de qualquer das formas, de grande validade uma vez que os capitéis corintizantes, ao contrário dos coríntios, não fornecem informações válidas no que respeita às dimensões modulares dos edifícios a que pertenciam.

Estamos em presença, certamente, de um reaproveitamento de materiais, levado a cabo numa mesma altura e para o mesmo efeito, isto é, a edificação da Igreja de Stª Maria da Alcáçova. Desconhece-se a época da sua fundação (VIEGAS, 1994, p. 130), colocando-se algumas reservas na data de 1157 que se observa numa inscrição existente na entrada da igreja. O edifício religioso que hoje conhecemos não será, não obstante, o original, já que toda a estrutura arquitectural e decorativa deverá ser de época seiscentista.

Tivemos oportunidade de observar alguns dos fustes em que assentam os capitéis, o que apenas foi possível em algumas colunas já que as restantes mantinham o reboco a recobri-las (Fig. 10). Alguns desses fustes poderão, eventualmente, ser coevos dos capitéis agora em análise, ainda que o material em presença seja distinto. Com efeito, os fustes parecem-nos ser de um outro tipo de calcário, não afastando a hipótese de se tratar de mármore ou de pedra de lioz. O polimento que as respectivas superfícies ostentam dificulta-nos uma mais concreta determinação.

O facto de capitéis e fustes, no seu conjunto, terem sido reaproveitados nesta Igreja leva-nos a considerar o facto de serem oriundos de um mesmo local. Em área bem próxima situa-se o templo romano de *Scallabis*, intervencionado entre os anos de 1994 e 1996 e já objecto de vários estudos gerais e circunstanciados (VIEGAS, ARRUDA, 2002, pp. 173-178). Trata-se, porém, de uma edificação datável de "...entre os momentos finais da república e os inícios do principado de Augusto, tendo sido utilizado, enquanto lugar de culto, durante toda a época romana" (VIEGAS, ARRUDA, p. 175). Infelizmente, não restam quaisquer vestígios da sua decoração arquitectónica, desconhecendo-se o tipo de templo em presença e conseqüente relação com monumentos similares do Império Romano. No que respeita à hipótese de os capitéis da Igreja de Stª Maria da Alcáçova provirem deste monumento, a discrepância cronológica entre os capitéis e o edifício obriga-nos a refutar tal ideia, excepto se os relacionarmos com uma eventual remodelação ocorrida em época posterior à da sua edificação. Neste caso, estes exemplares correspondem simplesmente a uma alteração decorativa.

Estas correntes de modernização ou actualização ornamental eram usuais no Império Romano e os modismos arquitectónicos rapidamente se propagavam pelas províncias. Deste modo, não será de afastar a ideia de que as peças agora em análise correspondam a uma encomenda específica para a remodelação de um edifício já existente.

Parece-nos mais provável, no entanto, que estas peças tenham pertencido a um edifício distinto, ainda que, também ele, situado nas proximidades da actual igreja. A este propósito, a identificação de uma estrutura de grandes dimensões, realizada aquando da escavação arqueológica efectuada no interior de Stª Maria da Alcáçova, datado da época romana imperial, poderá ser uma hipótese (VIEGAS, 2001, pp. 284, 285). Infelizmente, a exiguidade do espaço intervencionado não possibilitou a especificação do edifício em presença ou a sua cronologia. A construção referida, com paredes com uma largura de 2,80 m e contrafortadas interiormente, fazem supor estarmos perante um edifício de carácter monumental (VIEGAS, 2001, p. 22).

Um outro aspecto a ter em conta é o da dimensão destes exemplares. Os diâmetros inferiores, assim como a altura das peças indicam-nos terem sido realizados para edifícios

pouco monumentais. Com efeito, se partirmos da modulação preconizada por Vitrúvio⁵, obteremos um edifício volumetricamente pequeno. No entanto, no caso dos capitéis corintizantes, as proporções que supostamente se lhe atribuem não têm grande validade. Na verdade, Vitruvius não comentou sequer estas peças, não lhe ditou normas de traçado ou qualquer designação, atribuindo-os, genericamente, a "espécies variadas" sobre as quais não se debruça (GRANGER, Livro IV, C.I, p. 106).

6 - CONCLUSÕES

O estudo agora apresentado não nos permite, em boa verdade, a obtenção de grandes considerações no que se refere à plástica arquitectónica de *Scallabis*. Tais limitações prendem-se essencialmente com dois aspectos: por um lado, o facto de o estado de conservação dos exemplares ser extremamente deficitário, por outro, porque se tratam, até ao momento, dos únicos capitéis conhecidos naquela cidade.

Não obstante, a simples presença deste conjunto ornamental, reveste-se, por si só, de uma enorme importância. Importantes pelo facto de terem sido produzidos num tempo e num local, certamente tradução de uma encomenda para um edifício público da cidade. Importantes também pelo facto de nos confienciarem novas vontades dos homens que deles se apropriaram, séculos mais tarde, para os transformarem em suportes de uma diferente crença, de uma nova fé, perante os olhares de santos que substituíram os antigos deuses da *polis*. A função é a mesma, o objectivo o mesmo, mas esconderam-lhes as curvas, as folhas e enlacs, as rosetas e os volumes, condenando-os a um silêncio longo sob o estuque pesado que só à superfície imitava o mármore de outras eras.

O emprego dos cartões ou, se assim quisermos, a cópia imitadora, traduz-nos o desejo de pertencer a um mundo uno, onde os símbolos e os signos se mesclam no epíteto de cidadania, de pertença a um mundo de regras, de ordem, de hierarquização e etapas. Denunciam, também eles, a presença de um edifício visitado por outros homens, onde as funções a desempenhar seriam tão previsíveis como a certeza do trabalho feito, adequado ao espaço e ao tempo onde função e vivência se interligam num universo conhecido.

A presença do modelo cartonado permite-nos apontar para uma mesma oficina. Este recurso técnico, no entanto, não poderá ser confundido com um simples modismo regional, antes podendo ser atribuído a uma marca de um *atelier* ou de um mestre aí a desempenhar funções.

A tipologia dos motivos analisados, quer no que se refere à decoração do *kalathos*, no caso dos capitéis corintizantes (Quadro nº1), quer quanto à diversidade de folhas da *imma folia*, em ambas as tipologias de capitel (Quadro nº2), permite-nos inferir de um conhecimento metabolizado das várias tipologias ornamentais em voga no Império. A opção por alguns dos motivos que então eram empregues, impele-nos a concluir que os modelos decorativos rapidamente haviam chegado a esta cidade do extremo ocidental do Império, existindo assim uma rápida assimilação dos modismos arquitecturais que, sendo inicialmente empregues em Roma, rapidamente se propagavam por todo o território. Deste modo, não poderemos falar, pelo menos neste caso, de uma plástica provincial, antes de uma generalização de gostos e de busca de uma estética que se prenderá essencialmente, com o gosto clássico de quem faz a encomenda, mais do que regido por correntes arcaicas de tradição local ou indígena.

⁵ Que refere que o diâmetro da base do capitel coríntio deve ser igual ao diâmetro do imoscapo da coluna, enquanto que no capitel jónico o seu diâmetro corresponderá a um terço da do fuste (GRANGER, Livro IV, CI, p. 102).

7 - BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, Jorge de, *Roman Portugal*, Warminster, 1988
- ARRUDA, Ana M.; VIEGAS, Catarina; ALMEIDA, M. José, (Coord.) *De Scallabis a Santarém*, Catálogo da Exposição no Museu Nacional de Arqueologia, s/l, 2002
- BARRERA ANTON, JOSÉ Luís de la, "Los Capiteles Romanos de Mérida", *Monografias Emeritenses*, 2, Badajoz, 1984
- BONNEVILLE, J. N., "Le monument epigraphique et ses moulurations", *Faventia*, Barcelona, 2, pp. 75-98
- BROISE, Pierre, "Éléments d'un ordre toscan provincial em Haute-Savoie", *Gallia*, tome XXVII, fasc. 1, Paris, 1969, pp. 15-22
- CARLOS MARQUEZ, *Capiteles Romanos de Corduba Colonia Patrícia*, Córdoba, 1993
- CASTELO-BRANCO, Fernando, "Portos da enseada de S. Martinho e o seu tráfego através dos tempos", *Anais da Academia Portuguesa de História*, IIª Série, vol. 23, tomo II, Lisboa, 1975, pp. 260-265
- FERNANDES, Lúcia, *Capitéis Romanos da Lusitania Ocidental*, Tese de Mestrado em História de Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1997, 4 volumes
- FERNANDES, Lúcia, "Capitéis Romanos do Museu Nacional de Arqueologia", *O Arqueólogo Português*, Série IV, 16, Lisboa, 1998, pp. 222-284
- FERNANDES, Lúcia, "Elementos arquitectónicos de época romana da Casa dos Bicos - Lisboa", *Conímbriga*, XXXVIII, Coimbra, 1999, pp. 113-135
- FERNANDES, Lúcia, "Capitéis Romanos de *Ammaia* (S. Salvador de Aramenha - Marvão)", *O Arqueólogo Português*, Série IV, 18, 2000 (em publicação)
- GRANGER, F., (trad.), *Vitruvius on Architecture*, Harvard University Press, Loeb Classical Library, Book IV, London, 1995
- GUTIERREZ BEHEMERID, M. A., "Capiteles romanos de la Península Ibérica", *Studia Archaeologica*, 81, Valladolid, 1992
- MANTAS, Vasco Gil da Cruz Soares, *A Rede Viária Romana da Faixa Atlântica entre Lisboa e Braga*, Tese de Doutoramento apresentado à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1996
- PENSABENE, P., *Scavi di Ostia - I Capitelli*, Editori Laterza, vol. VII, Roma, 1973
- VIEGAS, Catarina, "Arqueologia Urbana em Santarém", *Bracara Augusta*, Encontro de Arqueologia Urbana, vol. XLV, Braga, 1994, pp. 127-137
- VIEGAS, Catarina, *Economia, comércio e cerâmica: a terra sigillata da Alcáçova de Santarém*, Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica, Departamento de História da Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001

8 - INVENTÁRIO

1 - CLASSIFICAÇÃO: capitel coríntio de coluna

MATÉRIA: calcário DIMENSÕES (cm): alt. - 45; alt. ábaco - 5 (?); alt. 1ª coroa - 12; alt. 2ª coroa - ?

EST. CONSERVAÇÃO: somente é visível cerca de metade do exemplar já que a parte superior do mesmo se encontra desbastado.

BIBLIOGRAFIA: VIEGAS, Catarina, "Arqueologia Urbana em Santarém", *Bracara Augusta*, Encontro de Arqueologia Urbana, vol. XLV, Braga, 1994, pp.127-137.

2 - CLASSIFICAÇÃO: capitel coríntio de coluna

MATÉRIA: calcário

DIMENSÕES (cm): alt. 1ª coroa - 15; perímetro: 124; diâmetro: 39.

EST. CONSERVAÇÃO: muito mau. Praticamente toda a superfície foi desbastada posteriormente, razão pela qual somente é possível observar a coroa inferior de folhas e o arranque da segunda. A parte superior da peça encontra-se ainda sob o estuque.

BIBLIOGRAFIA: VIEGAS, Catarina, "Arqueologia Urbana em Santarém", *Bracara Augusta*, Encontro de Arqueologia Urbana, vol. XLV, Braga, 1994, pp.127-137.

3 - CLASSIFICAÇÃO: capitel corintizante de coluna

MATÉRIA: calcário

DIMENSÕES (cm): alt. - 32; alt. 1ª coroa - 14; perímetro: 89; diâmetro: 28,3

EST. CONSERVAÇÃO: a parte superior do capitel foi totalmente desbastada pelo que se torna impossível observar a decoração do *kalathos*, assim como o ábaco e volutas angulares. A parte restante da peça encontra-se muito bem conservada.

BIBLIOGRAFIA: VIEGAS, Catarina, "Arqueologia Urbana em Santarém", *Bracara Augusta*, Encontro de Arqueologia Urbana, vol. XLV, Braga, 1994, pp.127-137.

4 - CLASSIFICAÇÃO: capitel corintizante de coluna

MATÉRIA: calcário

DIMENSÕES (cm): alt. - 33; alt. 1ª coroa - 9;

EST. CONSERVAÇÃO: muito mau no que diz respeito à parte superior da peça, uma vez que a superfície se encontra totalmente desbastada.

OBSERVAÇÕES: a peça encontra-se adossada a uma parede.

BIBLIOGRAFIA: VIEGAS, Catarina, "Arqueologia Urbana em Santarém", *Bracara Augusta*, Encontro de Arqueologia Urbana, vol. XLV, Braga, 1994, pp.127-137.

5 - CLASSIFICAÇÃO: capitel corintizante de coluna

MATÉRIA: calcário

DIMENSÕES (cm): alt. conservada - 34; alt. 1ª coroa - 17; perímetro - 121; diâmetro - 38.

EST. CONSERVAÇÃO: muito mau uma vez que cerca de metade do capitel se encontra desbastado. A parte inferior, no entanto, apresenta a sua decoração muito visível.

BIBLIOGRAFIA: VIEGAS, Catarina, "Arqueologia Urbana em Santarém", *Bracara Augusta*, Encontro de Arqueologia Urbana, vol. XLV, Braga, 1994, pp.127-137.

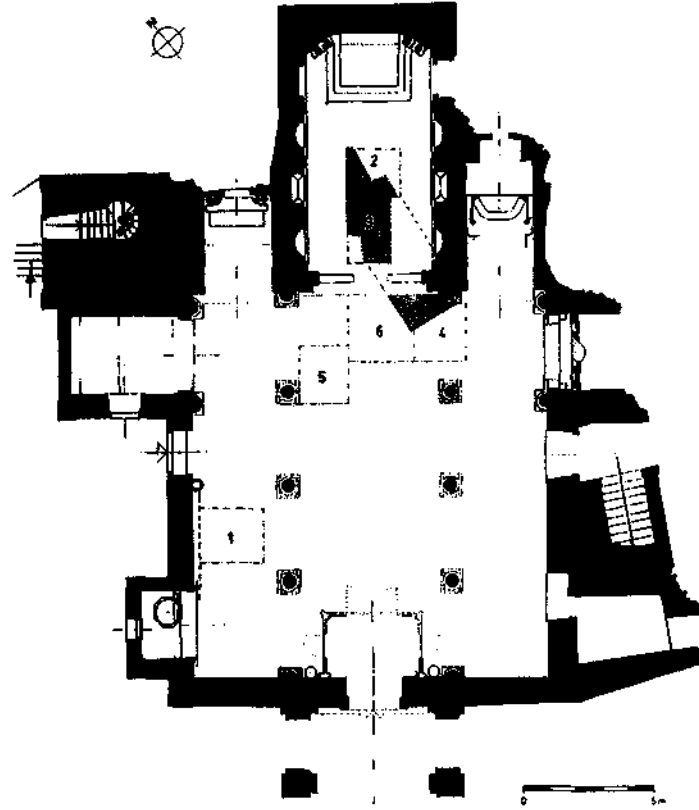


Fig. 1 - Planta da Igreja de Stª Maria de Alcáçova, observando-se as duas colunatas que dividem, interiormente, as naves da igreja. (Planta reproduzida de VIEGAS, 1994, encontrando-se assinaladas as sondagens arqueológicas aí realizadas).



Fig. 2 - Capitel nº 1. Capitel coríntio de coluna.

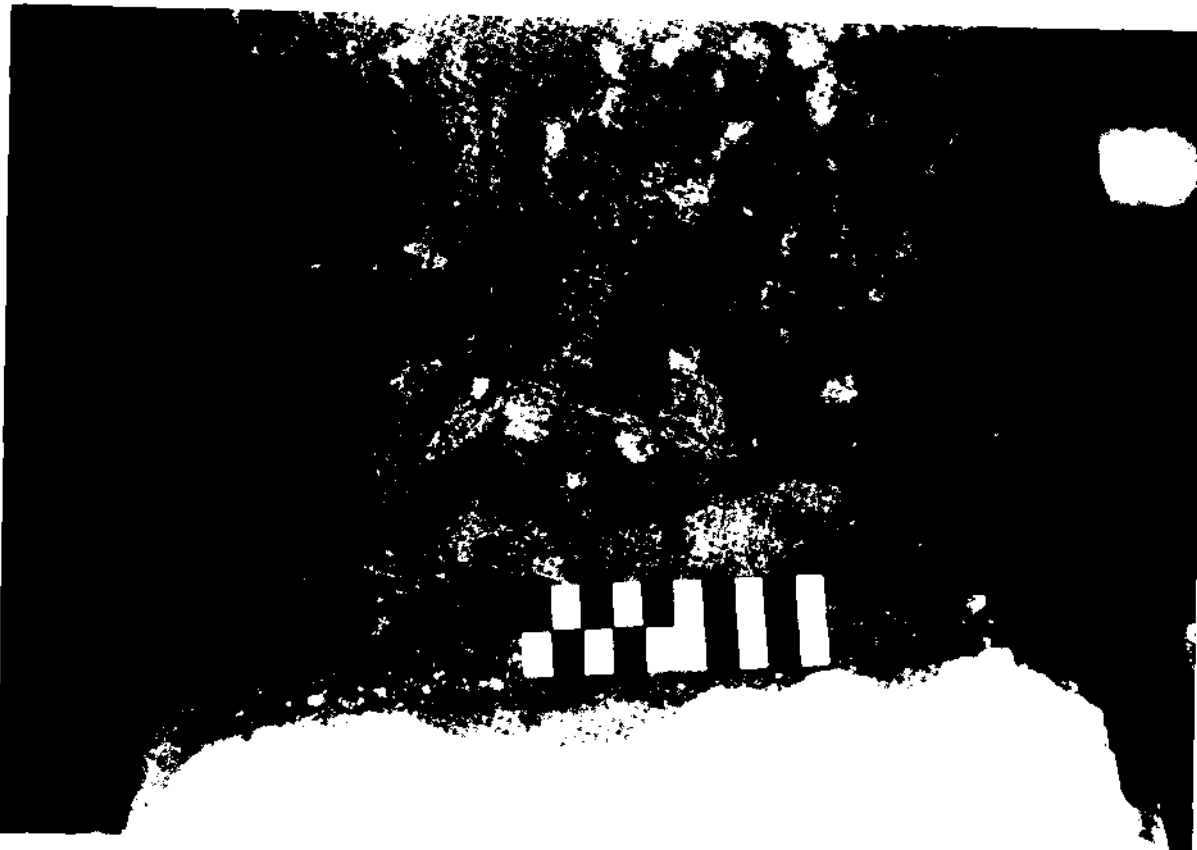


Fig. 3 - Capitel nº 2. Capitel coríntio de coluna.



Fig. 4 - Capitel nº 3. Capitel corintizante de coluna.



Fig. 5 - Capitel nº 4. Capitel corintizante de coluna.

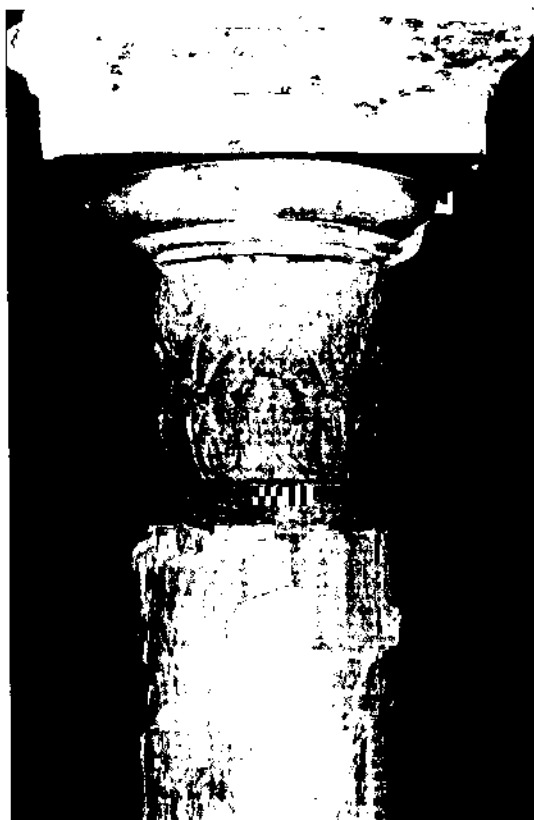


Fig. 6 - Capitel nº 5. Capitel corintizante de coluna.



FIG. 7 - Capitel nº 5. É notório o talhe em bisel na definição foliácea lobular.



Fig. 8 - Capitel nº 3. Pormenor decorativo de um dos motivos da face central do *kalathos*.

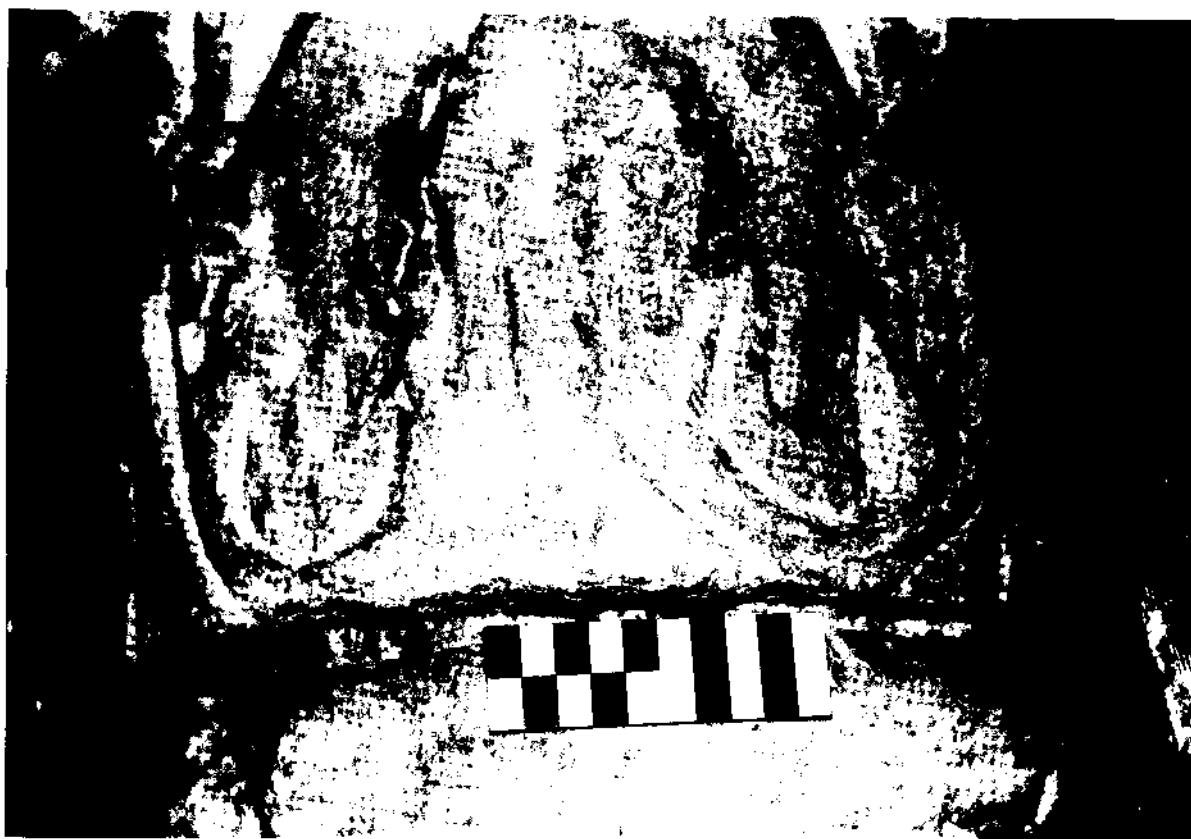


Fig. 9 – Peça nº 5. Pormenor da *imma folia*.



Fig. 10 – Vista geral do interior da Igreja de Stª Maria da Alcáçova, observando-se as várias colunas no seu interior, as quais mantêm o reboco nos fustes e em alguns dos capitéis.